



PORTE
PAGO

Quinzenário * 8 de Junho de 1985 * Ano XLII — N.º 1076 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

EDUCAÇÃO E PROBLEMAS SOCIAIS



Para Sérgio, a Escola devia desempenhar um papel fundamental — e difícil de substituir — no despertar o Povo da sua passividade e «carneirismo de pseudo-cidadãos» para quem «a culpa é sempre... dos governos»; e no mobilizar para «o desenvolvimento da aptidão de se governar o indivíduo a si-mesmo e portanto o do sentimento da responsabilidade».

Uma Escola que responde a este programa dinamizador, virado para o futuro; e se disponha a empreendê-lo — há-de ter de si-própria um conceito de tal modo exigente que lhe não baste ministrar conhecimentos literários e científicos (mesmo que cuide a sério de os ensinar bem!); antes, tem por objectivo último da sua missão, educar o carácter e formar a personalidade dos seus alunos.

Ora a educação, no que respeita ao seu termo, é uma obra essencialmente reflexa. Educar é proporcionar oportunidades; é estimular hábitos, já que só com eles se forma o carácter; é aproveitar a idade tenra em que os hábitos enraizam. Mas o educando é que se educa a si-mesmo, aspirando as virtualidades do ambiente que lhe é dado, tal como presta

ao melhoramento do sangue a respiração de um ar saudável.

Ao educador não basta exortar. «De todos os discursos que fazeis às crianças para lhes desmodorras as energias, haurerem os ouvintes simplesmente o desejo de discursar também.» É necessário que propicie a actividade do educando sem se demitir da actividade e da autoridade que lhe são próprias. É necessário o mérito, oriundo de um carácter que por si se exemplifique e de uma competência que naturalmente o imponha. E, sobretudo, é necessário o amor que o activa para o progresso dos educandos e lhe dá a paciência de o esperar.

Nobilíssima a missão do educador; e árdua! Não é para qual-quer um!

Por isso que, à semelhança de Sérgio, não distingo a imagem do professor da do educador, de tão indissolúvelmente unidas, me aflige a explosão escolar desde há uns quinze ou dezasseis anos. Porque quadros docentes à altura da missão não se preparam tão facilmente quanto um demagogo improvisa seus discursos! E temos af o engano de uma Escola que consome milhões sem produzir frutos proporcionados, nem se-

quer no domínio da instrução! Uma Escola que grita reivindicações e toma atitudes de protesto por causa de carências materiais e parece não dar conta da sua essencial pobreza, justamente de natureza pessoal.

E que se tem feito para este indispensável enriquecimento da função docente?... Suposta a competência científica, não chega ainda uma informação pedagógica só de nível técnico! É preciso que as licenciaturas que conduzem obviamente à docência, incluam uma formação cívica que dê ao futuro professor a consciência de educador, sem o que, o exercício da função: se queda para ele, em mero posto de trabalho; e resulta

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Havemos de ir às fontes, à origem, à primeira célula que apareceu na terra — a Família. A lareira é uma Universidade.» (Pai Américo)

Diz a Constituição no seu artigo 67.º, número 1, que «A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à protecção da sociedade e do Estado e à efectivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros». No número 2 enumeram-se algumas das medidas que ao Estado competem para protecção da família, nomeadamente, na alínea f), «Definir, ouvidas as associações representativas das famílias, e executar uma política de família com carácter global e integrado». Por sua vez, no artigo 36.º, número 5, afirma o documento fundamental da República que «os pais têm o direito e o dever de educação dos filhos». Mais, no artigo 68.º, considera-se que «os pais e as mães têm direito à protecção da sociedade e do Estado na realização da sua insubstituível acção em relação aos filhos...». (Os sublinhados são, obviamente, nossos.)

Todo este arrazoado de citações vem, como facilmente se adivinhará, a propósito da fami-

O jovem rico não aceitou o dom. Logo que mediu o tamanho da exigência, retirou-se triste. Também aquelas duas senhoras, pela avenida da nossa Aldeia...

No desejo de tomarem consciência e serem fiéis ao chamamento, reuniram-se no Sameiro, de Braga, as senhoras que se doaram à nossa Obra. Meditaram em comum as exigências da sua vocação específica. Seja: entrega total aos Pobres, Doentes e Rapazes.

Entrega que exige, verdadeiramente:

Um viver sem meças, sem louvores nem hábito. «Escondidinhas» — como disse Pai Américo.

Um amor discreto, sem paga e sempre a bater nas raías do fracasso.

Uma união fraterna entre si.

A luta quotidiana pela paz, pela alegria e pela esperança.

Intimidade com o Senhor; sem ela, não seriam capazes.

E, sobretudo, uma grande fé; sempre, mesmo contra todas as razões humanas.

Somos poucos! Padres, senhoras e obreiros por vocação. E, tantas vezes, o cansaço enfraquece a nossa disponibilidade interior!

Digo como alguém: «O Pão que nós precisamos para acabar com o nosso cansaço é o Pão-de-cada-dia que pedimos no Pai-Nosso».

Que ele sustente a nossa capacidade de perdão e de, todos os dias, amarmos os Outros.

Que nos ajude a vencer a rotina, pois ela afecta o carinho e o dom do acolhimento.

O Pão-de-cada-dia!

Para que nós sejamos capazes de criar em nossas Casas um ambiente afectivo e carinhoso. E, assim, os Rapazes e Doentes possam nascer para o carinho e a ternura.

Tão importante!

Mais que a roupa e a comida.

Cont. na 3.ª pág.

Padre Telmo



Educar é proporcionar oportunidades; é estimular hábitos, já que só com eles se forma o carácter; é aproveitar a idade tenra em que os hábitos enraizam. Mas o educando é que se educa a si-mesmo, aspirando as virtualidades do ambiente que lhe é dado, tal como presta ao melhoramento do sangue a respiração de um ar saudável.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Aborda-nos uma Pobre, acompanhada duma vizinha e amiga. — Quero pedir um conselho...

Tentámos corresponder. O marido é alcoólico e os problemas avolumam-se. Não adiantamos mais sobre a cruz da família...!

Nesta região demarcada, o célebre vinho verde é bem mais suave que noutras... Ainda assim, porém, se o doente não resiste — é o caos!

O caso vertente passou por nossas mãos, ao longo dos anos. Procurámos inventar processos d'arrumar a casa, pois o internamento, o tratamento, o acompanhamento destes doentes não são fáceis.

Já que bulimos num dos mais graves — se não o mais grave problema social do nosso País, com terríveis consequências em milhares de famílias pobres — é oportuno sublinhar a última *Semana de Esclarecimento* promovida pela Sociedade Anti-Alcoólica Portuguesa, alertando contra o perigo do alcoolismo.

Para nossa desgraça somos o segundo país europeu com maior consumo de álcool *per capita* e o terceiro em doentes alcoólicos, a seguir à Itália e à França.

As estatísticas oficiais revelam a existência de 500.000 alcoólicos em Portugal. Todavia, os especialistas afirmam que tal número não corresponde à verdade e que se aproxima dos dois milhões!

Os técnicos referem, ainda, que o alcoolismo é responsável por 80% das mortes por cirrose hepática, 50% dos acidentes de trabalho e grande parte dos acidentes rodoviários.

Um quadro aterrador!

PARTILHA — «*Avó de Sintra*» abre a coluna com «*prometido para a família do costume e os maiores desejos de que reine aí (e no mundo) a saúde, alegria e paz. A minha pensão ainda não veio aumentada, pelo que também a migalha o não vai. Seja como Deus quer.*»

Aquela Amiga que nos visita assiduamente (vem num comboio e regressa noutro) com alegria cristã, deixa, em nossas mãos, 500\$00.

A remessa habitual da assinante 19177. Outra, volumosa, do assinante n.º 20 — Amigo da primeira hora — que diz: «*O GAIATO cada vez enche mais o meu coração!*» Retribuímos o abraço d'amizade.

Assinante 30640, de Carcavelos, mais um vale de correio, pedindo «*uma oração pela saúde dos meus filhos.*» O amor de Mãe é assim. Não há outro igual!

Manuel, de Braga, marca presença com oferta «*para as irmãs viúvas — que precisam tanto da nossa ajuda.*» M. H. exige completo anonimato: «*Basta pôr as iniciais do meu nome, sem mencionar localidade nem quantidade. O resto é com o Pai do Céu — por alma dum irmão meu que faleceu recentemente.*» Sufrágio cristão!

(Por fim, a assinante 31104;

«*(...) Rezem por mim, pois careço*

de auxílio também. O auxílio reveste-se de mil facetas!

Por alma dos meus entes queridos — que vi desaparecer — remeto um cheque.

Este meu contributo, benéfico para a alma deles — que é a minha mais pura intenção — já me dá conforto moral.»

A sua carta é já uma fervorosa Oração!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Tem sido uma azáfama grande o nosso trabalho no campo! Já temos tudo plantado e semeado. Três campos grandes de batata e as batatas estão muito bonitas! Temos feito vários tratamentos para que se não estraguem. Já estão todas sachadas. Dois leirões grandes de cebolo dão muita beleza às nossas terras!

Voltámos, este ano, a semear muitos canteiros de feijão. Depois, a trepar pelas empas e dependurados nelas, os feijões são muito engraçados; e, se não se estragarem, darão muito fruto.

O milho está quase todo a furar da terra. É lindo vê-lo a crescer! Todos os dias parece que dá um pulito. O pior vai ser para o sachar, pois são campos grandes! Paciência! Havemos de o tratar bem para dar espigas grandes e muita palha para que as nossas vacas dêem muito leite.

Fizemos, também, a plantação dos tomateiros. Já lhes tirámos as sombras, pois estão pegados. Andamos a semear mais abóboras. Se produzirem bem, vamos ter muitas para os animais e para a nossa sopa.

As videiras, as árvores de fruto e as oliveiras estão carregadinhas de flores e frutos! Deus queira que se conservem para termos mais coisas boas para a nossa alimentação.

MIMOS — Andamos, há dias, a comer batatas novas, semeadas em Fevereiro, no olival novo. Acabaram as velhas e começámos logo a comer batatas novas.

Tivemos sorte com os nossos favais e andamos consolados de comer favas! Ainda vão durar muito, pois estão carregados de fruto.

Tem sido uma consoladela a comer salada de alface! O Manuelzito teve o cuidado de a semear — e depois plantar e mandar plantar mais — e agora dá para comer a todas as refeições.

Estes mimos sabem-nos bem! São fruto do nosso trabalho!

Já é tarde. O sono está a apertar connosco! Temos de ir dormir. Para a próxima quinzena daremos mais notícias. O nosso abraço até lá.

Tonito e Manel

Paço de Sousa

DESPORTO — Em nossa Casa, o Desporto tem lugar preponderante na educação dos nossos Rapazes. A saúde física é indispensável para um bom enriquecimento do espírito. De entre as várias modalidades que possuímos — do basquetebol ao atletismo, passando pelo xadrez e ténis-de-mesa — o futebol ocupa lugar de destaque, na preferência demonstrada pela maioria, ao longo dos anos.

Há cerca de dois anos, esta modalidade estagnou, em virtude das necessárias remodelações que as instalações necessitavam, impossibilitando-nos de dar a melhor resposta a grupos desportivos que amavelmente se prontificam a passar connosco uma parte do dia.

Nesta altura — já noticiámos — as obras estão praticamente concluídas pelo que podemos, agora, receber com agrado a marcação de jogos e confirmá-los de acordo com as nossas preferências. Agradecemos a vossa

compreensão. Para qualquer assunto desportivo contactem o *Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.*

Morgado

VISITA DAS SENHORAS — Recebemos a visita das senhoras que se entregaram ao serviço da Obra da Rua, nas Casas do Gaiato de Coimbra, Tojal e Setúbal. Foi boa ideia, pois ficaram a conhecer melhor a Casa-mãe da nossa Obra. Depois, seguiram para um pequeno Retiro, em Braga.

CURSO DE SERRALHEIROS — Terminou o curso de serjalheiros, superiormente orientado pelos Serviços de Formação Profissional.

Tudo correu sem problemas. Concluíram todos o curso com boas notas e, no fim, houve uma festa de encerramento.

É um dos maiores investimentos para a nossa vida!

Ludgero Paulo

CANTINHO DAS SENHORAS

Nós, as senhoras da Obra da Rua, realizámos mais um Encontro inesquecível...!

As senhoras do Sul e Centro fomos até Paço de Sousa, onde nos juntámos na noite do dia 19, Dia da Mãe. Presentes quase todas as senhoras que se doaram inteiramente à Obra da Rua, algumas das quais — ao serviço das Casas do Gaiato — ainda não conheciam Paço de Sousa nem o Calvário.

As nossas Casas de Paço de Sousa e do Calvário estavam lindas...! Foi um mimo, para nós, esta visita. Aqui, sente-se viva a presença de Pai Américo. Em cada cantinho, o palpitar do seu coração de Pai, de Mestre, de Sacerdote. Nunca senti o grupo das senhoras tão feliz! A paciência e ao carinho do nosso Padre Telmo, devemos a alegria destes três dias, que, embora de cansaço físico, foram repousantes para o nosso espírito. Ele levou-nos ao Calvário, à Penha (Guimarães), à Sé de Braga.

Por fim, no Sameiro, realizámos a parte mais séria do nosso Encontro. O Padre Telmo fez uma reflexão sobre as grandes verdades e exigências da sublimidade e grandeza da nossa vocação de Mulheres, de Mães, na Obra da Rua.

Foram três dias de encontro connosco próprias, com as outras — e com Deus.

Sim, para podermos encontrar os Outros, e Deus, temos de nos encontrar primeiro a nós próprias. Sabermos quem somos, quem são os Outros, para

VISITANTES — Continuamos a receber muitos visitantes, tanto aos domingos como em dias úteis. Ultimamente, têm passado por cá muitas excursões de crianças de Escolas Primárias dos arredores do Porto. E, também, grupos de alunos da Escola Secundária de Paredes. O sr. Padre Marílio, o organizador, é muito conhecido da malta, pelo que é sempre bem recebido na companhia dos jovens que lecciona.

JORNAL «O PORTO» — Um nosso companheiro escreveu ao jornal «O Porto», pedindo que lho enviassem, gratuitamente. Responderam que sim e dissessemos quantos precisaríamos.

Aproveitamos a ocasião para agradecer a «O Porto» a amizade que nos dedica. Muito obrigado!

irmos todas ao encontro do Senhor.

Faz-nos bem o convite para vivermos a fraternidade, a unidade, a entrega numa luta quotidiana de serviço pelos Outros, sem nada esperar de resultados humanos visíveis, nem compensações. Aceitar tudo numa intimidade com Jesus. «*Sem ela não podeis aguentar-vos...*» — disse o Padre Telmo — «*porque, às vezes, tudo parece um fracasso. Então, o melhor seria não estar.*» Lutarmos pela alegria, pela paz, pela esperança, pelo bem em cada Casa e com as pessoas que integram as nossas comunidades.

Aquela homilia do Sameiro... O Pão-nosso-de-cada-dia para cada momento... Não nos esqueçamos dela!

As do Tojal e de Setúbal chegámos já na manhã de 22, a nossas Casas. Valeu a pena, apesar do cansaço que algumas sentiram mais!

Bem haja, Padre Telmo, por estes dias! E um obrigado a todos os que, com ele, nos proporcionaram estes dias felizes.

Estes Encontros ajudam-nos. Foi tudo muito belo e é para saborear por dentro.

Mas aquele recado de Pai Américo — «*Eu creio...*» — apesar de tudo e contra tudo...!

Senhor, ajuda-nos a dizer com a mesma fé de Maria, Abraão, Pai Américo e de todos os crentes: — **Senhor, eu creio! Eu creio, mas aumenta a minha fé!**

Isaura (de Setúbal)



O José Manuel Rodrigues (da Casa do Gaiato de Setúbal) e esposa, no dia do casamento. O voto de Pai Américo para todos os noivos das Casas do Gaiato: «*Desejo que os até ali namorados continuem a ser namorados. E ninguém jamais se atreva a separar as almas que Deus uniu pelo sacramento do Matrimónio!*»

O livro «A PORTA ABERTA» na mão dos Leitores

O lançamento da reedição d'A PORTA ABERTA é um acontecimento para o nosso pequeno mundo! Quem nos dera jeito para mostrar todas as nuances — da feitura da obra à sua expedição por mãos gaiatas! O trabalho e o barulho das máquinas e dos irrequietos maquinistas; a agitação dos encarregados do ficheiro (perdem a cabeça a decifrar hieroglifos de alguns assinantes!); a ensurdecida algazarra (e o mais...) dos «Batatinhas» aos Batatões, na embalagem dos livros ou na dobragem d'O GALATO, etc.

Em certas alturas d'aperto — no meio deste mundo juvenil a crescer para a vida — nem sabemos como é possível discorrer pormenores, rever provas, produzir material para o «fecho» de certas edições do «Famoso»! É como se tentássemos pincelar imagens do quotidiano numa grande urbe, com trânsito disparado, num mundo em trepidação! Ao menos..., salva-nos a calma do Macieirinha, do «Tomate», e o delicado sorriso do Benjamim que leva todos os dias a correspondência à estação do correio. Agora, muito mais volumosa, com a safda d'A PORTA ABERTA — e não se descontrola! Impávido, sereno, com ares de fidalgo, cumpre como se fosse um homem grande. Pois o nosso Benjamim, com treze ou catorze primaveras, jamais esquecerá, pela vida fora, a responsabilidade que ora tem — e não é pequena!

Continuamos a receber postais RSF (resposta sem franquia) que os «Batatinhas» introduziram no coração do penúltimo número d'O GALATO, pelos quais os nossos Amigos requisitam A PORTA ABERTA, outros livros da nossa colecção e, alguns, até se inscrevem como assinantes d'O GALATO. Que não fosse mais, o postalzinho leva bem marcado, na cartolina, um carinhoso abraço dos mais pequeninos, que seriam sabe Deus o quê! «Lixo das ruas»...!

A correspondência motivada pela PORTA ABERTA enche a mala do carteiro e os nossos corações! É uma partilha espi-

ritual que nos esmaga todos os dias! A Força das almas em cachão!

Algumas pequeninas amostras de presenças que seguem na procissão:

«Muito obrigada!

Recebi o livro A PORTA ABERTA. É sempre com emoção que leio os escritos de Pai Américo! Foi um Homem excepcional de bondade e sacrifício. Um Pedagogo. Não o conheci. Tenho pena! Os seus livros são um encanto, um misto de ternura e graça. Choro e ri ao lê-los. Leio e volto atrás... São uma maravilha — e tanto nos ensinam!

Assinante 32619»

«Recebi e agradeço muitíssimo o livro A PORTA ABERTA.

A data do recebimento — «Dia da Mãe» — muito me sensibilizou!

Na obra do Pai Américo tudo é significativo...

Assinante 30217»

«Recebi A PORTA ABERTA. Hoje envio a minha contribuição para as despesas da sua feitura.

Esfolhei o livro. Depeniquei umas frases. Gostei. Vou ler! Desde já, parabéns à Dr.ª Maria Palmira Duarte.

Assinante 26652»

«Imensamente reconhecida por me terem mandado o livro A PORTA ABERTA, venho agradecer-lhe de todo o coração.

Não é que eu não conhecesse já (posso dizer: talvez desde o princípio) a obra do nosso querido Pai Américo, que tenho seguido sempre com o maior interesse pelos seus livros e pelo GALATO — que leio assim que chegam. Mas, porque A PORTA ABERTA encerra, todo ele, o extraordinário problema da Educação da Criança (a verdadeira Educação) que está sendo cada vez mais tão necessária neste triste mundo d'agora, tão carenciado dela.

Este livro, compilado pela Dr.ª Maria Palmira Duarte, deveria estar nas mãos de todos — e tenho muita pena de não poder fazê-lo!

Pelo meu lado, procurarei transmiti-lo àqueles com quem contacte.

Assinante 29810»

Por fim, mais um precioso naco da Introdução que a Dr.ª Maria Palmira inseriu n'A PORTA ABERTA:

«(...) Uma circunstância dolorosa da vida dos asilos residia no despedimento. Na maioria deles, os rapazes e as raparigas saíam ao 18 anos sem terem muitas vezes um lar para os receber ou uma família em condições de os acolher.

Outra circunstância de erro prendia-se com o facto de não se adaptar a sua organização às diferentes categorias de rapazes ou de raparigas misturados nos nossos asilos que requerem tipos de solução diferentes. Os pequeninos com família para quem só é adequado o internato com uma estrutura de base escolar no qual se mantém uma ligação constante com a família. São os do «tipo colégio» para crianças pertencentes a meios economicamente débeis, mas cuja família se mantém conservada. Outra categoria seria constituída por pequenos sem família ou abandonados, mas cujos comportamentos são psíquica e socialmente adaptados. Para estes o mais indicado é a adopção ou a colocação familiar e, na sua ausência, internatos de estrutura familiar e não escolar, de dimensão reduzida, onde as crianças frequen-

tem a escola oficial da sua freguesia ou bairro, recebam o ensino da doutrina cristã e participem na vida religiosa da sua paróquia, tenham a vida habitual dos filhos de uma família numerosa. A terceira categoria seria constituída por pequenitos sem família, ou sem família organizada, abandonados, que, por nunca terem conhecido um verdadeiro lar, são vadios, ladrões, desconfiados... Estes carecem, para além de um internato de tipo familiar, de especiais cuidados, traduzidos em carinho, num clima saudável e apropriado ao seu desenvolvimento integral; em especiais condições de trabalho, estudo e tempos livres; e, numa reintegração progressiva na vida social.

Foi especialmente para esta categoria de crianças que o Padre Américo organizou as

Casas do Galato onde estive várias vezes no seu tempo e onde observei os galatos, o seu à-vontade, a sua alegria, instalados no que é seu... à volta do pai de família.

As interrogações sobre a organização de internatos para crianças desta terceira categoria encontra resposta nas Casas do Galato, nas quais o Padre Américo soube criar um meio apropriado onde a criança da rua, abandonada, maltrapilha, faminta, vadia, analfabeta, encontra, em relações tecidas nas coisas simples da vida quotidiana, com o educador, com as outras crianças e com a Natureza, «o amor necessário para cicatrizar-lhe o corpo e a alma».

Essas interrogações encontrarão ainda resposta na leitura do jornal O GALATO onde através das pitorescas e por vezes irreverentes descrições da vida nas Casas do Galato se descobre uma forma de viver, perfeitamente adaptada às exigências das crianças sem família.»

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Habitantes da cidade de Coimbra e muitos fiéis da zona Centro celebraram a festa de anos do Pai — João Paulo II. Celebração da Eucaristia de acção de graças, na Sé totalmente cheia, e inauguração da sua imagem em estátua de bronze oferecida e colocada na

praça que, há três anos, tem o seu nome.

Tudo muito simples e familiar. Homenagem espontânea de gratidão pela sua visita e mensagens. Um grupo lindo de Bispos e bastantes sacerdotes. Muito povo que ocupou lugares dos doutores.

A homilia, na Eucaristia, foi um brinde de anos. O coração e a alma dum filho que falou aos irmãos do Pai que todos amam e para quem pediu a Deus muitos e felizes anos.

Os três oradores na Praça — Presidente da Câmara, Bispo de Coimbra e Nuncio Apostólico — com o seu testemunho ajudaram a conhecer melhor e a amar mais o Santo Padre. O coro, o hino e as pombas foram prendas de ternura.

João Paulo — o «Cidadão deste Mundo». Homem profundamente preocupado com a vida dos homens. Enaltecendo e pedindo e exigindo o respeito por todos os direitos humanos.

João Paulo — o «Missionário de Jesus Cristo». Comprometido em revelar a presença de Deus em cada homem. Procurando diálogos e caminhos de paz. Que o amor conduza os homens a construir uma sociedade mais feliz: sem fome, sem medo, sem ódio.

E, nesta sua missão, tem procurado ir a toda a parte e falar a todos os homens. Sente-se arrastado para revelar que só Jesus Cristo continua a ser Caminho, Verdade e Vida.

A sua expressão de braços abertos e acolhedores fica bem naquele ambiente e lugar. Ali, milhares de jovens passam todos os dias para se prepararem para a vida e milhões de jovens por ali hão-de passar.

Que todos sintam bom acolhimento.

Padre Luiz

Padre Horácio

Um aviso muito importante

N. da R. — Mais um telefonema dum Amigo que caiu no chamado conto do vigário!

O tal grupo de falsários que anda por aí, sobretudo no norte do País, em peditórios para a Casa do Galato — servindo-lhe d'isca um pequeno «muito insinuante, muito bem falante» — mudou agora de comédia: a cobrança d'assinaturas d'O GALATO com recibos impressos não se sabe onde!! A empresa gráfica não teria achado estranho...?!

Redobrem d'atenção, por favor, pois não fazemos cobrança d'assinaturas d'O GALATO ao domicílio, tampouco pelos CTT.

Não caiam na burla...! E onde for possível caçar os burlões, tenham a bondade de chamar um agente d'autoridade para se descobrir toda a meada.

Obrigado.

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

gerada Portaria n.º 52/85, de 26 de Janeiro, autêntica prepotência totalitária, aliás à semelhança de outras, em que o Estado se sobrepõe à Família e não só, subtraindo-lhe os filhos, como se estes fossem propriedade sua e procurando inculcar-lhes uma visão mesquinha da sexualidade humana, como se esta se reduzisse a meros aspectos biológicos e não tivesse de considerar outras dimensões, como as afectivo-psicológicas, éticas, pedagógicas, culturais e religiosas.

Na visão de tal Portaria, autêntico monstro, a educação sexual é considerada numa perspectiva de mero planeamento familiar, sem se preocupar com o conhecimento dum autêntica sexualidade, em ordem à educação integral dos jovens. Qualquer criança, em idade núbil, tem acesso ao atendimento, ficando os profissionais obrigados a absoluto sigilo. Quer dizer que um jovem, em idade fértil, aí pelos 11 ou 12 anos, sem os pais o saberem, eles que têm o dever e o direito da educação dos

filhos» e um lugar «insubstituível» na sua formação, é totalmente sonogado da responsabilidade da família.

Disse o Episcopado que tal documento é «inaceitável do ponto de vista científico, moral e religioso». Responsáveis que somos por mais duma centena de jovens e sentindo na carne, a vários níveis, as consequências da imoralidade reinante, juntamos os nossos humildes mas veementes protestos aos de tantos outros, que consideram tal «aborto» como Portaria «absurda», «puramente contraceptiva», «precipitada», «pseudo-informação sexual», «informação distorcida», «que violou claramente os direitos das famílias», etc., etc. Sim, porque se queremos uma sociedade equilibrada e justa «haveremos de ir às fontes, à origem, à primeira célula que apareceu na terra — a Família». Fortalecê-la e respeitá-la é nosso dever. «A lareira é uma Universalidade», escreveu Pai Américo. Com o Estado pouco ou nada se aprende, muito menos no capítulo em questão.



DOCTRINA

■ Duas palavras de simpatia, à beira de camas de doentes, valem infinitamente mais do que quantias dadas com enfado na mão dos Pobres que passam; e se não levamos aos Pobres água que regue, nem por isso deixamos de refrescar a vida dos que nos esperam. Pouquinho também é esmola.

■ Trago hoje à barra um grande encarecimento: Topei um moço de trinta e dois anos em uma barraca de tábuas à beirinha do nosso mar, de bruços e atravessado por muitas bicas de pus, com dezasseis anos de cama. O saber dos senhores doutores já há muito que pôs o ponto final, para ficar somente de pé a Ciência de Deus! O nosso doente quis comungar. Fê-lo um dia, em pequenino, na igreja paroquial e nunca mais... «Pois sim. Amanhã pelas onze, que antes não posso vir. Mas tome algo à hora do costume.» Não tomou nada e ateimou com a mãe: «Quero oferecer hoje um sacrifício ao Senhor», disse! A beirinha dos nossos mares, como dantes na Galileia, passa o Divino Pastor das almas a segredar lições de santidade e desejos de sofrer mais: «Quero oferecer hoje um sacrifício ao Senhor.» Dezasseis anos de bruços em fontes vivas de pus não é sacrifício!?

■ Ajudemos os desvalidos no seio das próprias famílias, que isso mesmo é o sentido do quarto Mandamento. Não tiremos às mães o privilégio de o serem nem a ocasião de se sacrificarem, tratando com amor, como faz esta, filhos doentes em suas próprias casas.

■ «Tens a fala do Nazareno, por isso te manifestas!» Quem dera que todos os leitores desta coluna de amor pudessem saborear nela, muito baixinho, dentro de seus corações, o mesmo que os do átrio do Pontífice encontravam no falar de Pedro: o jeito e a toada de Jesus Nazareno! O Qual sendo infinitamente rico deu ao mundo a grande lição da Pobreza; e fez-Se Pobre para ser a parte escolhida de uma grande multidão. A notícia e o sinal que na terra O indicam, é a penúria do Seu nascer e no fim da vida não foi mais feliz, porquanto a sepultura foi esmola de José de Arimateia.

D. Amén: 5!

(In Pão dos Pobres — 1.º vol.)



O «Batatinha» mais pequenino da Casa do Gaiato de Lisboa é um símbolo vivo do Dia Mundial da Criança — 1 de Junho.

EDUCAÇÃO e problemas sociais

Cont. da 1.ª pág.

para o aluno em uma acção truncada.

Penso que assenta aqui uma das condições principais daquela «prévia revolução no espírito nacional» de que Sérgio diz depender uma reforma escolar tal como a que propõe.

Ora esta reforma tem como princípios fundamentais:

1 — Proporcionar à criança ocasiões de actividade (crescente na adolescência e na juventude), «já que só pela actividade, a actividade se estimula e se conduz».

2 — Preparar a criança, desde a Escola e pela Escola, para a sua futura intervenção na vida da cidade; levá-la ao conhecimento dos seus deveres de cidadão pelo exercício dos seus direitos de cidadania; habituá-la a cooperar no bem da sua comunidade e a reputar o bem geral como fundamento do seu próprio interesse. Porque é «o proceder quotidiano», «o carácter cívico» que se vai adquirindo e vinculando, «a única força reformatriz eficiente» da vida social.

Na verdade, a educação do carácter cívico «não é uma ciência teórica, mas uma arte de acção, uma arte prática». E, por isso, a Escola que a vise como parte integrante do seu objectivo formador, terá de procurar em processos de self-government o meio de o alcançar. Assim: o primeiro cuidado do educador é «pôr o educando em condições que despertem interesses profundos em seu espírito»; e o segundo, «indicar-lhe os meios de satisfazer esses interesses com esforço próprio e a maior liberdade possível».

Sérgio sublinha a palavra esforço e justifica: «Para que se não confunda a nossa afirmação com a ideia, que julgamos errónea, de tornar o estudo interessante, tornando-o fácil, divertido, sem esforço. Toda a educação deve ser esforçada; porém de esforço natural e voluntário, exigido por um interesse do discípulo e não do professor».

Quando nas nossas Escolas ouço queixas de falta de pessoal auxiliar, a justificar insuficiências do seu funcionamento, fico pensando no desperdício da oportunidade de entregar aos alunos o desempenho desse papel, responsabilizando cada um: primeiro, por qualquer coisa; mais tarde, por pessoas — e assim os adestrando a passar da «responsabilidade na obediência» à «responsabilidade no comando»; e assim os tornando «agentes educadores ao mesmo tempo que educandos». E este modo de agir, controlado, não por uma acção de vigia mas pela prestação por cada um de contas da sua responsabilidade, a que corresponderá uma punição em caso de falta.

Com esta mente, aplicando os alunos em acções concretas do interesse da pequena sociedade escolar, se irá operando nas mentes juvenis uma transformação que as tornará saudavelmente críticas e as estimulará à acção — em ordem ao dever que lhes compete na idade adulta de intervirem na sociedade maior de que forem membros, «concorrendo para a transformação dessa sociedade no sentido do seu ideal».

É que, lembra-nos Sérgio (e tão actual é a sua lembrança!): «O que possibilita em geral a corrupção administrativa é a passividade dos honestos».

Padre Carlos

Novos Assinantes d'O GAIATO

O GAIATO estrutura a sua implantação nas Famílias, em elevada percentagem!

Lordemão (Coimbra):

«Quero pedir que enviem O GAIATO para uma cunhada e uma prima...»

Seria tão bom que esse fruto... fosse a paz e o amor, para que o mundo acabasse com o ódio, com a fome e a vingança de armas!

Ainda ontem assisti à vossa Festa no Teatro Avenida, em Coimbra. A sala estava cheia, numa transmissão de amor às crianças da rua, a Pai Américo. Foi uma Festa de amor, naquele dia, àquela hora...!»

Fafe:

«Por intermédio dum familiar tive conhecimento d'O GAIATO e da Obra da Rua.

Sinto admiração pelos que dedicam a sua vida aos Outros, carenciados de formação humana.

Sucedo, porém, que gasto o tempo com a minha terrivelmente absorvente actividade profissional e, algum outro, pouco por vezes, com a minha presença em família...»

«Além da minha prestação, quero igualmente constituir-me assinante d'O GAIATO. E talvez um dia visite a Casa do Gaiato...»

Para além das Famílias, as Paróquias também marcam lugar, seja por intermédio da acção dos Padres da Rua, ou dos respectivos Párocos — como este, dum comunidade ribatejana:

«Junto a quantia... para a minha assinatura do «Famoso», bem como a do novo assinante cujo endereço envio.

Peço a fineza de me enviar os seguintes livros: Pão dos Pobres, Isto é a Casa do Gaiato, Doutrina e Viagens. Assim, tento refazer, ao menos, a minha pobre biblioteca, em vésperas de Natal devorada pelas chamas. Graças ao Pai do Céu, a generosidade dos amigos supriu largamente os prejuízos. É dessa generosidade que acho justo tornar participantes os irmãos gaiatos...»

Muitas presenças da Capital — pela mão do nosso Padre Luiz. Outras, bateram à porta das Casas do Gaiato de Setúbal, Miranda do Corvo e respectivos Lares do Gaiato bitadinos. E mais outras nos chegaram, de Vila Nova de Famalicão, Tuias (Marco de Canaveses), Viana do Castelo, Saca-

vém, S. Julião do Tojal, Odivelas, Vila Meã, Barreiro, Lagos, Queluz, Cacém, Caxias, Amadora, Cartaxo, Bucelas, Portimão, Coimbra, Horta (Açores), Sarilhos Grandes, Cruz de Pau (Seixal), Fonte Arcada (Penafiel), Aveiro, Rio Tinto, Mealhada (Loures), Beire e Nevogilde (Paredes), Santa Comba Dão, Belas, Antuzede (Coimbra), Tomar, Batalha, Leiria, Sobral do Campo, Pegões Velhos, Marinha Grande, Póvoa de Varzim e Perafita (Matosinhos).

De algumas terras são grupos de novos assinantes! E, em todas, almas e corações cheios; tão exuberantes que temos pena de parar aqui e agora, com um abraço quente de Amizade!

E temos de parar — sem por isso ofuscarmos a grandeza da procição! — visto que surge, neste momento, o Padre Acílio com notícias d'última hora sobre as Festas realizadas — e a realizar ainda — pela nossa comunidade setubalense.

Júlio Mendes

FESTAS

• SUL

A necessidade dum convívio anual com os Amigos foi sublinhado por um Casal de Lisboa que veio à nossa Festa no Luísa Tody, em Setúbal, e entregou nas minhas mãos uma magnífica mensagem num embrulho-prenda com cento e cinquenta contos para esta Casa do Gaiato e mais cem para a de Lisboa.

Em Festa de Pentecostes quis vincar, numa comunidade crente, que a Força do Espírito de Deus não envelhece. O que precisa, isso sim, é que haja crentes. Se aceitardes, fareis acções admiráveis — deixou-nos testado Jesus!

É a Força do Espírito que na Obra da Rua acolhe com amor os filhos mais pobres dos Pobres, e se nos revela nestas manifestações de solidariedade cristã.

Estaremos ainda presentes, dia 8 de Junho, no Salão Joaquim Lopes, em Aguas de Moura; dia 14, no Centro Paroquial de Cova da Piedade; e dia 15 no Salão Paroquial de Almada.

Padre Acílio

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Maio: 54942 exemplares.